Rizoma-pixo, devir-rato

Luizan Pinheiro

rizoma, pixo, devir.

Há *rizoma* quando os ratos

deslizam uns sobre os outros.[1]

Deleuze e Guattari

Pixos e Bombs no Canal da Av. Tamandaré - Belém/PA (2009). Foto: Arquivo do Autor.

Fluxos nas fendas do tempo. Traços explosivos engendrando *dor* na carne da cidade e uma energia a pulsar em cada canto: *PixaDOR*. Em Belém[2] os *pixadores* tomam o *trem da história* através dos trilhos do contemporâneo. Não mais um dia. Não mais uma noite. Mas tudo o que vem pulsando como um coração acelerado, drogado, repatriado no

corpo denso da metrópole. E na pulsação desta escrita-fractal a *pixação* é disparada numa sua fusão com a noção de *rizoma* construída por Deleuze e Guattari.[3] Possibilidades de conexões que se mostram amplas e abertas num jogo com o conceito em diversas direções e lugares comportando variações. Como o *devir-rato* que esgarça as pregas da cidade com suas latas de *spray*: *falocans*.[4] Disparo sonoro à vista. "Não precisa ir muito além dessa estrada. Os ratos não sabem morrer na calçada..." Música longínqua: "Trem de doido"[5] cortando o tempo. A dimensão animal do *rizoma* abre-se na direção dos pixos: Deleuze e Guattari gritam na esquina: "Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são *rizoma*s. As tocas o são, com todas suas funções de *habitat*, de provisão, de deslocamento, de evasão e ruptura."[6] Devir-animal que comporta deslocamentos num através do corpo da cidade. *Pixador-rato*: produção de um *outro* pelas vielas da cidade. Reentrâncias, refugos. Criação de novos *habitat* deslocados em cada trajeto. Os deslocamentos dos pixos no corpo da cidade produzem essas possibilidades de acontecimentos novos da ordem de um descontrole, rompendo os espaços legislados da cidade; pulsação sem direção atravessando todos os espaços. Conexões dos diversos espaços pelas ações-explosões dos pixos. Pixos que remetem a *lixos* produzidos pelas cidades entontecidas. A cidade tomada de *rizoma*-pixos: traços estranhos que preenchem paredes tontas, assinalando um estar vestida de tantos códigos ríspidos. Acontecimentos disparados em diversos pontos do plano de *imanência*[7] que é a cidade. Espécie de *campo* que pode ser o solo em que o rizoma-pixo acontece, em que o *devir-rato* se efetua. Tramas que aparecem/desaparecem a cada dia reinventando a si mesmas por uma mutabilidade extrema, por uma desordem visual e espacial: signos em compulsão criando *acidez* na visão. É nesse plano que os pixos armam novas configurações pulsionais, em que a linha-traço produz as energias necessárias dissipando toda e qualquer assepsia na cidade. As multiplicidades devires-rato que deslizam uns sobre os outros "povoam o *campo* de *imanência* , um pouco como as tribos povoando os desertos sem que estes deixem de ser um deserto".[8] Ou em outro corte um certo Ben, a povoar o tempo de um *devir-rato*-Michael: o Ben que a 'Pop'[9] filosofia deleuziana atiça: "*Ben, the two of us need look no more. We both found what we were looking for...*".[10] E assim o som amacia o co(u)ro dos contentes. Todos os gostos nos esgotos. gotos. "*Ben, you're always running here and there. You feel you're not wanted anywhere...*"[11] Desgostos, esgotos, vazamentos lúgubres. Estados intensos das fibras da cidade. Buracos abertos por onde passam as intensidades, os devires-ratos: "Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não, que passam ou não passam.[12] rizoma-pixo. Imagens-sons-cores. Tudo acoplado a produzir

estilamento abissal na musculatura da cidade. Dores cavalares e altas tensões. Passam ou não passam. Permanecem e se distribuem, desaparecem e voltam a aparecer. Assim os rizoma-pixos vão-se inserindo no corpo da cidade produzindo todo tipo de acontecimento;

> cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de conexão muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc., colocando em jogo não somente *regimes de signos diferentes*, mas também estatutos de estados de coisas.[13]

As forças intensivas dos *rizoma-pixos* ativam modos de apreensão da cidade forçando a um repensá-la em diversas direções. E os estatutos de estados de coisas vão sendo colocados em jogo, desafiando a uma compreensão das cadeias de pixos em explosão. Nada há a compreender pois os pixos são matérias fluidas que reivindicam apenas o toque da retina para sua existência efêmera; instaura um certo modo de ver que já é um modo próprio de compreender implicado nas razões da produção dos rizoma-pixos neste (o)caso oco.

Cadeias biológicas

As ativações energéticas são agenciadas pelos lugares ocultos, inacessíveis, que o corpo da cidade oferta. Não se trata apenas de disparar um pixo sobre uma parede, ou (a)tingir o ponto mais alto da cidade, ou o monumento mais vigiado. Estabelece-se um jogo corporal que se erige entre o corpo do pixador, completamente possuído pelas energias criativas e os desafios propostos nas cenas de grupo: agenciamentos coletivos de enunciação, diria Guattari. Ou um solo de *spray no peito da cidade*[14] a ponto de disparar signos diversos em segundos nas superfícies expostas pela cidade. As represas que contêm as energias criativas – pois o criar nesse caso tem o sentido de invadir espaços delimitados, vigiados pelos mecanismos da cidade e maculá-los com os *rizoma*-pixos – são liberadas quando do contato com esse lugar. E aí se processa a fusão do corpo do pixador com o corpo da cidade: *cópula estética*. Marcada por um estranhamento e uma ambiguidade: a cidade é estranha. Um lugar que não lhe pertence por isso vigiado, controlado, o que excita os corpos dos pixadores a uma busca de violação desses espaços. De outro modo, maculá-la pressupõe apossar-se dela, marcá-la a ferro e fogo com os *rizoma*-pixos. Cidade-gado. Metamorfose de corpos. Cidade e pixador numa fusão indissociável. Nenhuma legislação é capaz de conter tal fusão, apenas deflagrar ainda mais as pulsações. Daí o estremecimento dos *rizoma*-pixos nas reentrâncias da cidade, suas fendas, num através dos seus órgãos. Instaurando a possibilidade de um Corpo sem Órgãos, porque "ele é não desejo, mas também desejo. Não

é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas",[15] o que pode parecer absurda, estranha, impossível, mas inevitavelmente ativa quando de sua instauração. Criando corpos outros, adjacentes no corpus oficial por uma latente obstrução: a cidade destituída da funcionalidade de seus órgãos. Experimentação por interdição como no corpo masoquista:

> ele se deixa costurar por seu sádico ou por sua puta, costurar os olhos, o ânus, a uretra, os seios, o nariz; deixa-se suspender para interromper o exercício dos órgãos, esfolar como se os órgãos se colassem na pele, enrabar, asfixiar para que tudo seja selado e bem fechado.[16]

A cidade nas mãos dos pixadores se veste dessa condição masô: as interferências de traços, tramas e riscos tatuam esse corpo à exaustão. Muros são costurados entre si pelos tecidos que o formam. A carne esfolada por incisões. O corpo-olho dos que compõem esse corpo próprio da cidade é asfixiado para não mais serem os mesmos. A cidade enrabada em sua condição contínua de puta. Recorrência inevitável à Belle Époque paraense: em que as cocottes davam graça e beleza à sordidez entontecida de seus coronéis. Belém, a Francesinha do Norte, explorada à exaustão. *Decadence avec elegance*.[17] A pele apodrece por estremecimento, exposição a todo tipo de interferência até virar casca. Assim o rizoma-pixo se mutabiliza em Corpo sem Órgãos no corpo mutante da cidade que é a pele, a tela, o suporte que recebe as *dores* do rizoma-pixo:

> ele não é menos direcionado para um corpo sem órgãos, que não para de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas assignificantes, intensidades puras, e não para de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade.[18]

As partículas-pixos passam em disparadas. Não se sabe do seu próximo aparecimento e velocidade. Saltos quânticos: os pequenos pacotes de rizoma-pixo acionam novos modos de percepção. A próxima ninguém sabe onde irá explodir. Só ficam os rastros. Dos ratos.

Cadeias políticas

As maltas saem armadas na noite. Guerrilha urbana a desafiar poderes. A lógica sistêmica da cidade é desbaratada nas tramas dos rizoma-pixos. Mas a *polis* e seus mecanismos de controle reinventam sua máquina beligerante para conter as partículas assignificantes que são os rizoma-pixos a produzir um corte por dentro dos mecanismos. O

sempre desvio necessário a reativar os jogos de poderes pela invenção da escritura-fala-pixo: "É preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não comunicação, interruptores, para escapar ao controle."[19] Posição precisa para abrir novas vias de areação posto que é possível o escape aos controles pelas aberturas de novos buracos, tocas, respiradouros. Potências da não comunicação. Vislumbramos aqui as possibilidades do *rizoma*-pixo como aquilo que não comunica enquanto leva às rupturas de uma fala-escrita comunicável. Há resistências inevitáveis nessa relação dos rizoma-pixos com a cidade, pois os jogos de poderes estão abertos e dão a tônica entre a experiência estética e os tais mecanismos. Nas pistas de Foucault:

> trata-se aqui de agudizar o intolerável nos feitos dos poderes e nos hábitos que os ensurdecem, de fazê-los aparecer naquilo que eles têm de pequeno, de frágil e, por conseguinte, de acessível... modificar o equilíbrio dos medos, não por uma intensificação que terrifica, mas por uma medida de realidade que, no sentido estrito do termo, 'encoraja'.[20]

Força e coragem abertas num corte no tecido da cidade. Constituem-se assim as cadeias políticas que marcam o tempo do contemporâneo pelas manchas dos rizoma-pixos. Cadeias que se reinstalam o tempo todo para nunca mais desaparecer.

Cadeias econômicas

Os rizoma-pixos alimentam a cidade com seus signos absurdos. Pequenas maquinarias sórdidas fabricando a possibilidade de decomposição da tez que tanto se busca: assepsia tonta. A *economia das trocas simbólicas* instala vertigem na pele da cidade: seu corpo fluido e flácido se agita, e os fluxos sígnicos passam atingindo níveis diversos de exposição das dívidas da cidade. Dívida humana, social, cultural. Os rizoma-pixos estão aí para fazer notar o acúmulo de imobilidade que os gestores herdaram da exclusão sociocultural de tempos. Mas mesmo com os lugares que se tomam como controle, as cadeias de signos se fortalecem inventando e reinventando um corpo de cidade numa sua economia suja. Os rizoma-pixos se instalam no corpo público da cidade, da administração, do comércio. Instituições zoneadas pelos devires-ratos. Assim, uma "instauração de um agenciamento, máquina de guerra ou máquina criminosa, podendo ir até a autodestruição."[21] Encontro com a força do *devir-rato* numa sua densidade autofágica. A *rataria* produzindo alterações no solo sígnico da cidade pela ordem da destruição e autodestruição.Devir-porrada no contemporâneo que a arte do *pixo* afirma.

Eis a fusão possível do *rizoma* com o pixo seu par-potência: rizoma-pixo, pois o "o *rizoma* procede por variação, expansão, conquista, captura, picada".[22] Tal como o devir investido na potência rato como sua outra densidade: *devir-rato*. Picada e mordida na carne da cidade. Tonta. Sempre.

---

[1] Deleuze; Guattari, 1995, p. 15.

[2] A referência matérica neste ensaio é a cidade de Belém com 27% das suas edificações pixadas, segundo pesquisa do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia – Imazon. Esses dados são de 2006. O Diário do Pará, 14.6.2009. Caderno Polícia, p. 7.

[3] Deleuze; Guattari, 1995.

[4] Articulo o jogo com as palavras falo e can, fazendo referência ao formato do pênis (falo) em português e aludindo à lata de *spray*, can em inglês. Projeta a ação e o jogo daqueles que penetram o corpo da cidade. Ao mesmo tempo em que são por ela engolidos.

[5] Música do compositor mineiro Lô Borges integrante do grupo Clube da Esquina.

[6] Deleuze; Guattari, 1995, p. 15.

[7] "O plano de *imanência* é essencialmente um *campo* onde se produzem, circulam e entrechocam os conceitos, ele é essencialmente definido como uma atmosfera (...) como informe e fractal, como horizonte e reservatório, como um meio indivisível e impartilhável". Prado Júnior, 1997, p. 56-58.

[8] Deleuze, Gilles, 1992, p. 182.

[9] 'Pop' filosofia. Não há nada a compreender, nada a interpretar. Guattari; Rolnik, 1986, p. 9.

[10] "Ben, nós dois não precisamos mais procurar. Nós achamos o que estávamos procurando." "Ben", música de Michael Jackson.

[11] "Ben, você está sempre correndo aqui e ali. Você sente que não é querido em lugar algum."

[12] Guattari; Rolnik, 1986, p. 9.

[13] Idem, ibidem, grifo meu.

[14] Trecho do conto Solo de *spray*. In Pinheiro, 2009. p. 33.

[15] Deleuze; Guattari, 1996, p.9.

[16] Idem, ibidem, p. 10.

[17] Música do cantor e compositor Lobão do disco Vivo (1990).

[18] Deleuze; Guattari, 1995, p. 12.

[19] Deleuze, 1992, p. 217.

[20] Gros, 2004, p. 24.

[21] Deleuze; Guattari, 1997, p. 12.

[22] Deleuze, 1995, p. 32.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. Mil Platôs 1. São Paulo: Ed. 34. 1995.

_____. Mil Platôs 3. São Paulo: Ed. 34. 1996.

_____. Mil Platôs 4. São Paulo: Ed. 34. 1997. p. 12.

O Diário do Pará. 14.6.2009. Caderno Polícia.

GROS, Frédéric. (Org.). Foucault: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola, 2004.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

PINHEIRO, Luizan. Adolescendo Solar (Contos). Belém: Cromos, 2009.

PRADO JÚNIOR, B. A Ideia de Plano de imanência. Folha de S.Paulo, Caderno Mais!, 8/6/97, p. 5-6 a 5-8. In: GALLO, Silvio. Deleuze e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 28.